



A ATUAÇÃO DE CAXIAS COMO PACIFICADOR

"O primeiro na guerra, o primeiro na paz..."

Cel. ASCÂNIO VIANA

SE O ESTUDO DA HISTÓRIA nos permite deduzir dos acontecimentos do passado diretrizes que nos orientem no presente, os ensinamentos colhidos na atuação de Caxias em suas intervenções político-militares nas províncias do Império, outrora conflagradas pelas paixões partidárias, constituem normas de conduta que não devem ser esquecidas por nós outros soldados brasileiros.

O decenio 1835-1845 integra a época decisiva da formação da nossa Pátria, porque nele é o Brasil abalado por cataclismos políticos que espalham a desordem de norte a sul, ameaçando a unidade e a integridade do território nacional.

Primeiramente, o banditismo truculento e assolador no Maranhão desencadeia uma tempestade de malefícios sobre a família sertaneja, enchendo de suprema angustia e de inenarrável pavor as cidades depredadas e os lares violados.

Perto de dez mil jagunços, instigados pela politicagem do partido local da posição, haviam-se sublevado, cometendo toda sorte de atrocidades, sem que o governo regional, enfraquecido pelas competições facciosas, pudesse por termo a anarquia reinante.

O Regente do Império nomeia, então, presidente da província e comandante das armas com plenos poderes para jugular a sedição, o Coronel Luiz Alves de Lima que, colocando-se sobranceiro às competições partidárias, acomete os bandoleiros

a ferro e fogo, destroça-os, priva-os de todos os recursos e obriga-os, finalmente, a depor as armas.

Depois, a turbulência das paixões políticas arrasta os paulistas à *Revolta de Sorocaba* e os mineiros ao *Levante de Barbacena*.

Mal irrompe a primeira, é designado Luiz Alves de Lima, agora Brigadeiro e Barão de Caxias, para comandar as forças expedicionárias contra os rebeldes. Cinco dias após já se acha ele na capital bandeirante.

O movimento sedicioso, improvisado pelos proceres liberais, conta para enfrentar as forças legalistas com dois mil civis mal armados, sem disciplina nem coesão.

Caxias surpreende-os pela audácia e rapidez de ação, fazendo-os recuar desordenados até Sorocaba, onde se dispersam sem qualquer resistência.

Apenas de regresso à Corte, corre Caxias a dominar o *Levante de Barbacena*, pois os mineiros também se haviam sublevado pela mesma causa dos paulistas de Sorocaba.

Em Minas, entretanto, as dificuldades se lhe deparam maiores, porque os insurretos, mais numerosos e melhor armados, ocupam terreno propício à defesa e estão dispostos a bater-se a fundo. Caxias encrerra-os, porém, no arraial de Santa Luzia do Sabará e lhes destroça o grosso das forças, de mais de três mil homens, atacando-o com a metade apenas desse efetivo.

Estas três campanhas enchem de prestígio e dão experiência ao ínclito pacificador para enfrentar a mais temerosa e difícil de todas elas — a da *Revolução Farroupilha*.

Há perto de sete anos que a província do Rio Grande do Sul se achava conflagrada, quando Caxias lhe assume a presidência e o comando das armas, encontrando as forças imperiais quasi inativas e os revolucionários senhores de toda a Campanha.

Depois de lançar em vão um veemente apelo ao patriotismo dos gaúchos rebeldes concitando-os à paz, Caxias marcha com o seu exército para a fronteira e procura atraír as hostes farroupilhas à batalha, para batê-las.

Estas, porém, compostas de bravos e destros guerrilheiros, comandados por caudilhos experimentados em constantes correrias pelas coxilhas e descampados, não se deixam tão facilmente espanhar.

Dispersos em partidas volantes, exímios conhecedores do terreno em que operam, os rebeldes fogem prestes ao embate se o inimigo lhes é superior, ou caem de surpresa sobre elementos mais fracos que procuram esmagar.

Caxias, percebendo a dificuldade em aferrar tropas tão erradias, descentraliza o seu pequeno exército e lança destacamentos em ações convergentes, num esforço continuado, sobre os grupos mais importantes do adversário, os quais ou lhe evitam o choque, passando as fronteiras, ou são batidos e dizimados, como Canabarro em PORONGOS, cuja derrota põe termo à revolução.

* * *

O vulto enérgico e magnânimo de Caxias surge de um a outro extremo do País, no meio do turbilhão das desordens e lutas fraticidas que ensanguentam as províncias combalidas. E, quando o terror e o desalento parecem culminar no desespero das populações flageladas, ele abate o opressor, domina a anarquia, dissipá e angustia, restabelece o sossego, distribui justiça.

A absoluta imparcialidade partidária do grande general fá-lo vêr o adversário apenas no subversor da ordem, que arrependido ou vencido acha logo proteção.

As faculdades excepcionais de análise e síntese de que é dotado permitem-lhe encarar com justeza os problemas militares mais variados, habilitando-o a agir com prudência e tenacidade ou com rapidez e audácia, conforme as circunstâncias do momento.

As diferentes modalidades da ação de Caxias sobre cada grupo sublevado, grupos estes de costumes e mentalidades diferentes e poi diversos propósitos impelidos à revolta — como o apaziguamento das facções maranhenses e o choque violento pelas armas sobre os bandoleiros do sertão, cujo único argumento

convincente era a força bruta; a audácia e a rapidez vertiginosa com que investe os civis de Sorocaba, inexperientes na peleja; a atitude mais cautelosa em face dos mineiros bem armados e instalados em boas posições defensivas; o cuidadoso plano de operações, contra a valente e adestrada cavalaria farroupilha, meticulosamente executado ou modificado conforme os acontecimentos — são frutos da rara clarividência e excepcional poder de discernimento deste singular condutor de homens.

Dentre as várias manifestações da sua capacidade múltipla e privilegiada, ressalta indelevel a diretriz inflexível do seu proceder militar.

Caxias sempre intervém em obediência às leis do País, como instrumento da Pátria unida e indivisível.

Jamais empunha a espada para oprimir e aterrorizar, mas sim para restabelecer a ordem e a disciplina, garantindo a tranquilidade e a segurança — aspirações culminantes da Nação.

Para aqueles que vêem na espada a antítese da paz e das liberdades públicas, Caxias se lhes apresenta como a mais expressiva das contradições.

E' por isso que nunca se fará demasiada a evocação de um exemplo tão exato do soldado perfeito — e ele o foi até o derradeiro momento.

O bronze consagrou-o à contemplação gloriosa dos pósteros.

Não nos detenhamos, porém, na contemplação — aprendamos também a imitá-lo.



CONFLITO DE SENTIMENTOS

(Fragmento de uma monografia sobre Caxias)

Cap. DANILLO DA CUNHA NUNES

O ANO DE 1831 foi de grandes agitações na Capital do Império. A efervescência provocada inicialmente pelo decepcionante desenlace da campanha de Montevidéu, que terminará com a indecisa batalha do Passo do Rosário, chegará ao período de ebullição, e graves acontecimentos iriam se desenrolar.

Caxias, dentro da natural ponderação do seu espírito equilibrado, encarava com estoicismo a perda do Uruguai, mesmo porque estava intimamente convencido de que a própria coesão da Pátria Brasileira lucraria com a mutilação sofrida.

Para a sua mentalidade patriótica de brasileiro sem rasgos exagerados de teatralidade, a unidade do nosso território não fôra afetada pela perda de um pedaço de terra, que por sua origem, por fatores etnológicos, por justiça, na realidade não nos pertencia.

Conservar o Uruguai como parte integrante do território nacional, teria sido infeliz para o Brasil, pois que seria mais um motivo de dissidio interna, e talvez outro fosse mais tarde, o desfecho da Revolução Farroupilha.

Caxias nos campos de luta, mais uma vez deu provas de sua extraordinária coragem, sendo que episódios singulares mostraram a sua capacidade de ação, e faculdade de iniciativa felizes.

Quando combateu na Campanha Cisplatina, intimamente convicto que fortes razões pendiam para o lado dos uruguaios, não violentou a sua consciência, porquanto o fazia principalmente contra a hegemonia da República Argentina que ameaçava o sul do território americano.

Após a batalha de Passo do Rosário, quando frustadas foram as esperanças imperialistas dos argentinos e de alguns brasileiros mal orientados, Caxias, embora lamentando as perdas materiais do nosso Exército, respirou liviado.

Surgia na América do Sul a República Oriental do Uruguai.

Estava automaticamente criado um Estado tampão, entre a República Argentina e o Império do Brasil.

Desprendera-se um fragmento da gema valiosa que é o nosso Brasil, e uma nova estrela brilhou então na constelação das nações sul-americanas.

Após a Guerra Cisplatina, Caxias por seus feitos de bravura era promovido a Major e agraciado com a comenda da "Ordem da Rosa" crescendo sempre, cada vez mais vinculado ao Exército Brasileiro. Este, mais forte e coeso, não era mais um instrumento inerte nas mãos precipitadas dos dirigentes do país e sim um organismo com vida, que pulsava ritmadamente, sincronizado com a exaltação cívica da população.

As críticas acerbas à nossa política exterior no episódio de Ituzaingó, eram apenas pretextos que vinham reforçar as amargas queixas de que os brasileiros guardavam contra a figura impopular do Imperador.

D. Pedro I foi um ator que teve o apogeu de sua carreira, quando em 7 de Setembro de 1822, às margens de um riacho de águas serenas, sob a luminosidade de um céu azul, montado em um fogoso corcé, cercado de jovens oficiais ardentes e entusiastas, deu o brado famoso de: — Independência ou Morte !

D. Pedro estouvado e impulsivo, em absoluto poderia congregar em torno de si uma família heterogênea de brasileiros e portugueses, numa época de sérias perturbações em que a energia deveria aliar-se à placidês de julgamento.

Com a declaração da Independência, o Imperador cavara um abismo de ressentimentos entre ele e os portugueses. E mercê dos favores com que abertamente os agraciava, degradava-se cada vez mais no sentimento dos brasileiros.

D. Pedro I já representara seu papel na história. Atitude heróica que valeu por toda sua vida de dissipaçao e aventuras.

O Brasil precisava continuar a sua marcha para um futuro brilhante, afim de conquistar de uma forma definitiva, a sua posição de destaque, no concerto das grandes potências.

Caxias estava jungido ao Imperador, por uma grande admiração e por um estrito espírito de disciplina. A sua carreira de oficial se processará no Batalhão de confiança de D. Pedro I, que sempre tivera um lampejo de admiração e amizade, ao contemplar a figura impressionante de militar que era Luiz Alves de Lima.

Entretanto, à medida que os acontecimentos se iam precipitando, e uma febril exaltação se contagiava do povo para as forças armadas, tornava-se evidente que a permanência do Imperador à testa dos destinos do Brasil, seria de funestas consequências, pois acenderia o fogaréu assustador de uma guerra civil de enormes proporções.

A concepção rígida de disciplina que o Exército imprimira a fogo na alma de Caxias, o presservára grandemente de ser dominado pela febre que contaminará a população civil e avassalara as classes armadas.

Todavia em sua consciência já havia um profundo antagonismo de idéias, numa luta silenciosa entre o seu raciocínio e o seu sentimento, entre o cérebro e a alma.

Aproximava-se a ocasião crítica de um desenlace, e sob a fisionomia austera e impassível do Major Alves de Lima, desencadeava-se um vendaval de sentimentos contraditórios.

.....

Há na vida dos Homens predestinados, que escapam à órbita comum da existência, situações terríveis, em que idéias antagônicas se chocam com o fragor da tormenta, em que o vórtice da dúvida se abre em suas almas, e suas vontades são submetidas ao fogo rubro.

Deste embate titânico ou sairão derrotados e transformados em farrapos humanos, ou triunfantes, com a têmpera magnifica de lutadores invencíveis.

Ney, comandante das tropas reais de Bourbon, quando entre Besançon e Macon aguardava Napoleão e o “bando de salteadores”, que se lhe juntára, na fuga triunfal da ilha de Elba, viveu os mais dramaticos instantes de sua existência.

O Principe de Moscowa, Marechal de França, o Bravo dos bravos, o mesmo que, despedindo-se de Luiz XVIII, prometera trazer Bonaparte em uma “gaiola de ferro”, após uma luta titânica de consciência, insône, desvairado, sucumbe como que hipnotizado diante do fulgor daquele nome que ainda era uma centelha de glória: Napoleão !

Desapareciam de seu espírito, todo o raciocínio, todas as razões e compromissos morais.

“Estava na tempestade, confessa ele mais tarde. Perdi a cabeça”.

“Arremessára-se no abismo, como dantes se atirára às fauces dos canhões”. (*)

Foi este na realidade, o epílogo da carreira militar do Marechal Ney, uma das mais impressionantes figuras de Herói que a História nos revelou.

.....

A atitude de Caxias, nos momentos dramáticos em que violentamente foi tomado dos mais contraditórios sentimentos, foi de uma limpidez cristalina, que nos enche de orgulho, e que se mostra como um exemplo para todas as gerações militares.

Quando a gravidade dos acontecimentos era de tal ordem, que após a deputação de juizes, o próprio Brigadeiro Lima e Silva, Comandante das Armas, comparece a palácio para demover D. Pedro de uma atitude irreduzível, recebe ainda a resposta desdenhosa e arrogante do Imperador:

— Não, não cedo! Não reintegrarei o Ministério!

Era tão profunda a confiança que D. Pedro depositava na lealdade e bravura de Caxias, que, embora sabedor que as tropas tomavam posição no Campo de Santana, para confraternizarem-

(*) Houssaye.

com o povo, apegava-se à última esperança e declarava com gullo:

— Eu ainda tenho o Batalhão do Imperador!

Quando o Marquês de Cantagalo, a mando de D. Pedro interrogava o Major Alves de Lima sobre a rebelião, a resposta vem rebuços cheia de simplicidade: "Os soldados da maior parte os corpos que se achavam no Campo de Santana estavam conminados do espírito anárquico; porem não assim o Batalhão Imperador e a Artilharia Montada". Mais tarde a respeito seu próprio batalhão declara ao Marquês que o escuta aterrorizado: — "que o espírito da rebelião lavrava na maioria dos oficiais do corpo, e tanto assim era, que os anarquistas, contando com essa maioria nem ao trabalho se haviam dado de perverter os soldados".

Era porem tão grande a envergadura moral de Caxias, e tão elevado o seu espírito de militar, que, tendo apresentado com toda a franqueza o quadro trágico da situação ao Imperador, crescentava ainda:

— "Se sua Majestade quiser debelar o movimento, nada mais facil. Bastará seguir nesta mesma noite para a Fazenda de Santa Cruz, e alí reunir as milícias, à frente das quais estou pronto para colocar-me, devendo estacionar no Campinho os postos avançados. Se podem adotar-se este alvitre, deverá ser acompanhado de um decreto, concedendo baixa a todos os soldados de primeira linha, que a quiserem; pois, feito isso, dentro de vinte quatro horas os oficiais se acharão a sós".

Em toda a sua vida de guerreiro, foi neste momento que Caxias mais do que nunca se revelou verdadeiramente um militar. Militar por natureza, por educação, por convicção.

Quando todas as circunstâncias se conjuravam contra o Imperador, e a penumbra da desgraça baixava sobre ele, Caxias com todo conhecimento de toda a situação, permanece leal "à outrance", e sua figura magnífica, impávida se apresenta como um símbolo, do que deve ser o Exército, rígido dentro dos seus possuidos de honra, como elemento de coesão indestrutível da nossa Pátria.

A nobreza do gesto de Caxias foi tão grande que se refletiu sobre o próprio Imperador; e dele veio a resposta que a todos estremeceu:

— “O expediente proposto é digno do Major Lima e Silva, mas não o aceito, porque não quero que por minha causa se derrame uma só gota de sangue brasileiro; portanto, siga o Major a sorte de seus camaradas reunidos no Campo de Santana”.

D. Pedro I conseguira o impossível. Ao retirar-se do cenário político do Brasil, que não fora para ele mais do que um grande palco, demonstrava um despreendimento quasi absurdo na sua personalidade marcadamente egoista, e sua frase de renúncia tinha qualquer cousa de sublime, porque era profundamente humana.

Com a abdicação de D. Pedro, o Exército precisava da clairidência e patriotismo do Major Lima e Silva, porque o momento era de extrema gravidade, e a desordem e a anarquia surgiam como consequências naturais de interesses diversos, das imaginações encadecidas, do assalto às posições de mando, do colapso repentino da autoridade governamental.

Caxias estava liberado para seguir o seu destino irrevogavelmente traçado.

Por um momento, uma angustia, um sentimento indefinível de máguia, o vazio imenso que era a saudade de um passado brilhante, abriu-se em seu coração.

Logo a seguir uma força nova e estranha lhe encheu a alma e os últimos resquícios de suas reminiscências, esmaeceram-se diante do sentimento imperioso de acima de tudo, servir a sua Pátria.

CAXIAS

Ten. JOÃO LANNES LEAL

(Conferência premiada num concurso
entre os oficiais subalternos do
BATALHÃO ESCOLA).

Hoje e sempre a Pátria Brasileira há de render culto comovido ao Duque de Caxias, o maior e o mais completo dos seus filhos, aquele que em todos os setores de sua vida foi um exemplo, e que passou à posteridade como um símbolo. Acima de todos os dotes que lhe enriqueciam o ínclito caráter, eleva-se, agiganta-se o dote militar. Foi tão perfeito em seus planos nos campos de batalha entre trincheiras, como no alto campo da inteligência e da administração.

As cintilações de seu espírito e de sua espada expulsaram, durante os 55 anos de sua vida pública, os fantasmas da discórdia e da guerra que escuréciam os horizontes nacionais.

Analizando-lhe o caráter, descobrimos nele todas as qualidades que se exigem ao general perfeito, e que Bordaloue tão bem descreve, referindo-se a Condé. Em verdade, parece-nos que o grande orador francês se dirigia a Luiz Alves de Lima e Silva, quando exclamava: "Foi em todos os seus deveres completo, isto é: fiel ao seu rei, zeloso do público bem, caritativo, prudente na administração, para com todos justo e, quanto preciso, superior a si mesmo e a todo o interesse; na prosperidade modesto, na adversidade inabalável, equânime em uma e outra fortuna. O princípio de suas façanhas era aquele marcial ardor, que sem temeridade, lhe fazia ousar tudo; aquela fogo que na execução lhe tornava tudo possível, tudo fácil; aquela firmeza d'alma que nunca houve óbice que lhe obstasse, perigo que lhe infundisse temor, resistência que o cançasse; aquela vigilância que nada surpreendia; aquela previsão a que nada escapava, aquela penetração com que, nas mais aventuradas conjuncturas, encarava, de um relance, quanto podia embaraçar, ou favorecer o êxito, como olhar de águia que, instantâneo, abarca vastas regiões; aquela prontidão não precipite, mas imatura, antipoda da lentidão de outras; aquela perspicácia que o tornava tão habil para aproveitar as ocasiões".

Era assim Luiz Alves de Lima e Silva, o nome tutelar de nosso Exército, a figura gigante, que surge com o Brasil independente, e,

projetando-se em sua vida política, diplomática, militar, desenhalhe os contornos e abre-lhe com a espada invencível a trilha a seguir.

Durante o período convulso da regência, durante a época perigosa da menoridade, foi Caxias o pacificador prudente e sábio, cuja ação pronta, cujo patriotismo ardente, conseguiram impedir a fragmenção nacional.

Filho e neto de militar, desde a infância entusiasmado pela carreira das armas, tinha Luiz Alves de Lima e Silva gisado indelevelmente em seu espírito, que o primeiro dos deveres militares é a disciplina, esse complexo de regras que prescrevem a obediência, ("peso que mais se sente como escudo que como jugo"). Para ele, D. Pedro I era o fundador da independência brasileira, era o seu generalíssimo. Diante de tão alta consideração, qualquer outra razão lhe aparecia pálida.

Já no posto de tenente, fazendo parte do Batalhão do Imperador, realizou a campanha de 1823 na Baía, onde começaram a se revelar as suas altas qualidades de militar. Em 1825, contando apenas 22 anos de idade, era designado capitão e recebia a medalha da guerra da independência da Baía. Cada vez mais se acentuavam os seus dotes de coragem e estratégia. Por sugestão sua, e sob seu estímulo, surgem: o Batalhão Sagrado e o Corpo de Municipais Permanentes, destinados a jugular a anarquia militar no período febricitante da regência. E em breve, ei-lo a pacificar o Maranhão, S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul.

Quanta elevação, quanto patriotismo sadio e construtor ressaltam na proclamação que dirigiu, quando chegou ao Maranhão, incumbido de pacificá-lo: "Maranhenses! mais militar que político, eu quero até ignorar os nomes dos partidos que entre vós existam".

Em verdade, os revolucionários maranhenses eram muito superiores em número, aos soldados imperiais. Quais bandos de salteadores não tinham acampamento fixo, e caíam frequentemente sobre fazendas e povoações indefesas. O Coronel Lima e Silva que chamava seu exército: "Divisão pacificadora do norte", põe-se a combatê-los, usando colunas volantes, até exterminar completamente a rebeldia. De regresso à Corte, foi recebido com as maiores provas de contentamento pelo povo e governo, sendo então promovido a brigadeiro, e unanimemente eleito representante da província do Maranhão na quinta legislatura, e depois, escolhido comandante das armas da Corte. O governo imperial, em reconhecimento aos seus serviços como pacificador e administrador do Maranhão, concedeu-lhe o título de Barão, permitindo-lhe a escolha. Aceitou o baronato de Caxias. Naturalmente, mais que outro qualquer, o nome de Caxias lembrava-lhe o término da sublevação maranhense. Fora na cidade desse nome que expedira a derradeira intimação aos sediciosos para que despussem as armas.

O período regencial e o dos primeiros tempos do governo do jovem soberano foram uma época pandêmica de revoluções. Mal terminava a pacificação maranhense, e já em S. Paulo, na cidade de Sorocaba, rompiam-se e estendiam-se de modo assustador as chamas revolucionárias. O governo apela para o Sr. Barão de Caxias e entrega-lhe a direção das difíceis operações em S. Paulo. Tanto mais difíceis, quanto as tropas que lhe foram entregues eram infinitamente inferiores, em número e qualidades, às paulistas. Segue imediatamente o grande soldado para a cidade de Santos. "Levava 400 recrutas bissonhos, tirados do depósito" para fazer frente a 3.000 homens aguerridos e empolgados com a rapidez com que, sem encontrar obstáculos, iam estendendo as labaredas incandescentes da revolução. Era tal a desigualdade entre os soldados imperiais e revolucionários, que o conselheiro Antonio Carlos exclamou estupefato: "Como! para combater fosse a quem fosse, e especialmente para combater homens da terra de Amador Bueno, para subjugar paulistas mandam-se 400 cadáveres ambulantes!"

Entretanto, Caxias segue, e seria interessante narrar aqui um fato que bem demonstra a sua perspicacia. Mal chegou a Santos com o insignificante contingente, dirigiu imediatamente ordem às estações competentes para que lhe preparassem rações para 3.000 homens. Ele bem sabia da celeridade com que as notícias correm, e da impressão que ao espírito do inimigo causaria essa hipotética chegada de uma força de 3.000 homens sob o seu comando.

Partiu, em seguida, sem demora, para a serra de Cubatão, de onde prosseguiu aceleradamente até à capital paulista. Já em Pinheiros, distante apenas uma légua, se encontravam as hordas revolucionárias. Desde o início, o Barão tomou a ofensiva. Tal atitude desconcertou visivelmente o inimigo que, estupefato, deu tempo a que as tropas de Caxias lhe paralissem as operações. Sem perda de tempo puseram-se as forças imperiais em marcha para Sorocaba. Os fatos, desenrolados na capital paulista, lançaram a desmoralização dos chefes rebeldes em suas próprias hordas. Sorocaba caiu em poder das tropas imperiais. Na rapidez com que fugiram, os rebeldes deixaram: armamentos as próprias peças de artilharia assestadas nas ruas da cidade. O movimento que já se havia extendido, de forma amedrontadora, em Taubaté, Pindamonhangaba, Lorena e Silveira, começou visivelmente a arrefecer, para surgir, porém, com mais ímpeto em Minas Gerais.

O governo imperial, vendo que já eram dispensáveis os serviços do Barão de Caxias em S. Paulo, nomeou-o, imediatamente, chefe do exército pacificador. O movimento surgira com ardor excepcional em Barbacena. A 25 de julho de 1842 partia o Barão de Caxias para Ouro Preto. Não sem muitas dificuldades, pois felizmente, em parte, parecia quasi eclesiástica essa insurreição, conseguiu mais uma vez dispersar o balsamo fecundo da paz em corações e almas.

De regresso à Corte, em setembro de 1842, sob os aplausos de toda a nação, foi o grande Pacificador, que ainda não contava 40 anos de idade, promovido a marechal de campo graduado, por decreto de 29 de agosto de 1842 "pelo relevantes serviços prestados nas províncias de São Paulo e Minas".

O nobre marechal, o parlamentar conciso, o diplomata de rara acuidade psíquica, o administrador honestíssimo e previdente, esse grande Caxias cuja vida, no sentir de Olegário, foi também a vida do Brasil, não podia entretanto repousar. Muito fizera, muito porém ainda estava por fazer. Havia já 8 anos que a vasta província do Rio Grande do Sul se achava como que segregada do império. Uma guerra que já tomava o aspecto crônico, que em nada se mostrava antipática ao estrangeiro vizinho, afastava o Sul do Brasil da comunhão das demais províncias, enfraquecendo, extraordinariamente, as reservas morais e materiais do país. Fazia-se mister encerrar tão lamentável luta. A quem recorrer sinão à espada e à habilidade do grande e invencível Barão de Caxias?

Noineado comandante em chefe do exército em operações, e presidente da província do Rio Grande do Sul, levando instruções que correspondiam a verdadeira carta branca, partiu o Sr. Barão de Caxias para Porto Alegre, tomando posse de ambos os altos cargos a 12 de novembro.

A legalidade achava-se como que sitiada pelas hordas rebeldes. Apenas contavam os legalistas com 3 cidades e com os terrenos ocupados pelos soldados. A cavalaria era quem decidia o destino das batalhas nas regiões gauchas. Os revolucionários possuíam toda a cavalgada daquelas paragens ou seja mais de 25.000. Os cavaleiros amestrados eram em número superior a 3.000. Afeitos à vida militar, rápidos em suas manobras, disciplinados e obedientes aos chefes, estavam empolgados pelas vitórias que iam conseguindo. As forças legais representadas por 11.500 homens, mas reduzidos a 7.000 para o combate, achavam-se dispersas em Porto Alegre, Rio Pardo e Jacuí e o grosso do exército no Passo de S. Lourenço. Desde o começo da luta já 11, entre generais e presidentes, se haviam sucedido no comando das tropas legais. Essa contínua mudança havia habituado a soldadesca a obedecer friamente aos comandos, e as batalhas que em geral eram pouco felizes, arrefeceram o entusiasmo dos combatentes. Caxias sentiu que era necessário erguer o moral da tropa. Providenciou para um melhor fornecimento de munições. Viu que os corpos das diversas armas se apresentavam muito desfalcados, em desproporção com as forças inimigas e com as dificuldades da região em que se encontravam. Procurou conhecer perfeitamente o seu exército, sondando-lhe e suprindo-lhe as necessidades, quer de ordem material quer de ordem moral. Quando, após um necessário adestramento, levou suas tropas ao combate, as vitórias sucederam-se umas após outras. Tristes vitórias as da guerra civil! Era

m, com certeza que pensava o nobre varão, o dileto filho, cuja es-
la a Pátria reclamou em todos os momentos de perigo. A vitória na
fratricida não lhe causava júbilo, mas lágrimas. Quando, depois do
tentável drama de Porongos, ao entrarem as tropas em Bagé, o Barão
Caxias convocou os generais e recomendou-lhes que não permitissem
nenor manifestação de júbilo em suas tropas; e, perguntando-lhe, em
vaidade o vigário de Bagé a que horas desejava que se realizasse o
Deum, com emoção repito a resposta que lhe deu o nobre varão: "Re-
endo! Precedeu a esse triunfo derramento de sangue brasileiro. Não
ito como trofeus desgraças de concidadãos meus. Guerreio dissidentes,
sinto as suas desditas e choro pelas vítimas como um pai pelos
s filhos. Vá reverendo, vá! e em lugar de Te-Deum celebre missa
defuntos, que eu, com o meu estado maior e a tropa que na sua igre-
couber, irei amanhã ouvir-lhe por alma de nossos iludidos irmãos que
eceram no combate".

A sua caridade de verdadeiro cristão, fazia com que mandasse matar
ito maior número de rezas do que era necessário, afim de distribuir
as famílias necessitadas, embora de sediciosos exaltados.

Quanta beleza, que elevação, que patriotismo, exalam as palavras
e dirigi aos rebeldes, que talvez levados por falsas idéias de patrio-
no se tivessem enleiado no torvelinho da revolução:

"Lembrai-vos de que, a poucos passos de vós, está o natural ini-
go de nós todos, o inimigo de raça e de tradição. Não pode tardar
e nos meçamos com os soldados de Rosas e de Oribe; guardemos para
ão nossas espadas e nosso sangue. Vê de que esse estrangeiro exulta
n esta triste guerra, com que nós mesmos nos estamos enfraquecendo
destruindo. Abracemo-nos e unamo-nos para marchar não peito a
ito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria que é nossa mãe
num!". Essas palavras penetraram em muitos corações. Tempos
pois o próprio Canabarro, a frente de 3.000 homens, marchou contra
sas, sob as ordens do grande marechal que ele combatera.

O reverendo padre Pinto de Campos, apreciando o término da
glória luta dos farrapos, assim se expremiu: "Foi seu término evi-
ntemente devido à direção dos negócios — pelo general em chefe,
miravel em sua estratégia — pelo supremo administrador, admiravel
suas providências — pelo estadista, admiravel em sua política.
mo general, seu nome incutia tais receios, que os mais ousados ad-
versários fugiram sempre de se medir com ele, diligenciando-se sómente
ter-se com seus tenentes e auxiliares; mas todos os seus planos foram
empre coroados de êxito e os adversos frustados. Como administrador
transformou todo o serviço, não havendo minúcia a que não atendesse
especialidade sobre que deixasse de providenciar com acerto, econo-
mia e prontidão. Como político, alcançou o brilhante triunfo do mais
bruento que era humanamente possível e com mais paternal bravura,
ndo digno de recordar-se este curto e eloquente dialogo: — "Como

foi, general, que chegou ao porto onde tantos naufragaram? — Por isso mesmo, senhor, serviu-me de farol essa experiência. Já não havia erro possível, só tive em vista não fazer nada do que tinha feito. — Vejo general, que não venceu só; convenceu".

Em 1851 vê-se o Brasil obrigado a interferir no Uruguai. O comando das operações é entregue ao ínclito Barão de Caxias que imediatamente se transporta para o teatro dos acontecimentos. Começa a estampa o caráter político e militar do nobre barão na ordem de dia firmada no quartel general das Pontas de Cunha Perú, em 4 de setembro de 1851. Vejamos o seu trecho mais expressivo: "Soldados ides pelejar a par de bravos amestrados no combate; esses bravos são nossos amigos, são nossos irmãos de armas. A mais perfeita e fraternal união deveis pois com eles manter. Que nenhum outro sentimento em vós se manifeste, além do desejo de excede-los, a ser possível, nas virtudes do verdadeiro soldado. Não tendes no Estado Oriental outros inimigos senão os soldados do general Dom Manuel Oribe, e esses mesmos, enquanto iludidos empunharem armas contra os interesses da Pátria. Desarmados ou vencidos, são americanos, são vossos irmãos, e como tais os deveis tratar.

A verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa e respeitadora dos princípios de humanidade. A propriedade de quem quer que seja, nacional ou estrangeiro, amigo ou inimigo, é inviolável e sagrada; e deve ser tão religiosamente respeitada pelo soldado do exército imperial como sua própria honra". E depois de outras considerações igualmente nobres conclui: "Eia pois! Marchemos a cumprir o que à Pátria devemos!". E sempre foi esse seu brado de alerta: Marchar! pela Pátria, com os olhos postos em sua felicidade futura, com o coração pulsando pelo desagravo de sua honra. Marchar, esmagando o cansaço, vencendo a dor física até encontrar a vitória. A sua vida inteira foi uma marcha desassombrada pela reta senda do bem e da virtude. Ele marchava, ia após si, arrastando, empolgando, eletrizando de entusiasmo, todo o exército, o Brasil inteiro. "Eia! Marchemos ao combate que a vitória é certa; porque o general e amigo que vos guia nunca foi vencido", exclamava ao seu exército em Lomas Valentinas. Ídolo dos seus comandados, Caxias, como bem disse Dionísio Cerqueira, "poderia fazer dos seus soldados o que quisesse. Desde um herói até um martir". Por isso, quando às suas rarefeitas falanges, dirigiu em Itororó a celebre alocução: "Sigam-me os valentes" não houve obstáculo que lhe detivesse a marcha. Ele, o nobre varão encanecido no serviço da Pátria, não parecia nesse momento o ancião venerando. O patriotismo é Fonte de Juventude que banha as almas dos grandes condutores de idéias e de legiões. A alma forte do Bayard Brasileiro, do maior guerreiro do hemisfério", era a própria alma nacional, e ele não parecia um homem, mas a imagem da Pátria. Em todas as campanhas que desenvolveu na guerra do Paraguai, demonstrou sempre, a par com

o patriotismo viril e eletrizante, uma capacidade inegualável na estratégia, na tática e na castramentação? Foi a sua estratégia e o arrojo de sua coragem inquebrantável que permitiram a ruptura das correntes e a tomada de Humaitá. Levados pela sua espada invencível foram as nossas forças, unidas às aliadas, ocupando sucessivamente:

No ano de 1867: Tuiu-cuê, Para-cuê; atravessando Curupaití, tomando Pilar, combatendo em Esteiro-Rojas, em Palmares, em Potreiro Ovelha, ocupando Taii e Tuiuti.

Em 1868 realizamos a assombrosa passagem de Humaitá, o assalto e tomada de Estabelecimento e Sauces, foi feita a ocupação do Chaco, o ataque do Novo Estabelecimento de Jacaré, a tomada de Tebicuarí, a ocupação de Vila Franca, o combate de Serbi-i, e a tomada das linhas de Piquiciri; fizemos em seguida a abertura da estrada do Chaco. Em dezembro dá-se o desembarque das nossas forças em Santo Antônio, e 3 dias depois a batalha de Itororó. Em seguida, vamos ocupando o porto de Inapé e finalmente, dão-se as batalhas de Avaí e Lomas Valentinas. Estava completamente destroçado o exército inimigo. Foge Lopez, e rende-se a guarnição de Angustura. Em 1869, em janeiro, segue rio acima, a esquadra encouraçada na direção de Assunção que o marquês ocupa. A 15 de fevereiro regressa finalmente o nobre Duque de Ferro ao Rio de Janeiro, sendo recebido pelo povo com as maiores demonstrações de júbilo e de reconhecimento. Teve em seguida, a medalha de mérito militar, o título de Duque e a exoneração do comando em chefe das forças brasileiras no Paraguai, pois que praticamente a guerra já estava terminada.

Mui superficialmente, Srs., passei em revista o vulto egrégio do militar símbolo, que em vida comandou legiões invencíveis e que, passando às paragens eternas, continua a proteger os destinos do exército que tanto amou e a quem legou como orientação os seus exemplos, como modelo, toda a sua vida.

O Duque de Caxias, o invencível Duque de Ferro, foi não só um modelo de virtudes militares, mas também um político modelar, um cidadão exemplar, um cristão de fé robusta. O reverendo Padre Pinto de Campos, referindo-se a atuação política do grande brasileiro, diz: "Na política constituiu o Sr. Duque de Caxias, a força do equilíbrio e da estabilidade do ministério a que presidiu". Militar acima de tudo, foi o parlamentar conciso e preciso que dizia claramente o que desejava. Foi o diplomata perfeito. Na verdade os seus dedos que vigorosos empunhavam a espada, posuiam quando necessário, a delicadeza e a habilidade de urdir tratados da mais fina diplomacia. Podemos dizer dele, o mesmo que Cícero, na Oração pela lei de Mânlio, dizia de Pompeu: "Sua benignidade é tanta que se não diserne facilmente qual seja maior nos inimigos: se o temor que eles temem de seu valor antes da peleja, se o amor que mostram à sua mansidão após a vitória".

Cidadão modelar, foi o modelo dos chefes de família, o esposo amantíssimo. E' impossível fazermos um, embora rápido, estudo da nobre figura do Duque de Ferro, sem nos determos respeitosos e emocionados, deante da nobre e virtuosíssima figura da duquesa de Caxias. Já alguém disse, muito acertadamente, que o homem é uma consequência da mulher com quem vive. Em realidade, era o próprio Duque quem declarava que "nenhum só dos atos que o exaltam deixou de ser sugerido, animado, inspirado, por ela ou pela imagem dela". E cheio de reconhecimento dizia: "Que, se em sua larga carreira havia motivo para glórias, inteiro e intácto para ela deveria reverter". O reverendo padre Pinto de Campos que teve a honra de merecer a amizade particular do Duque de Caxias, num trecho em que se refere à nobre duquesa diz: "A mulher, para quem seu marido era um ídolo, que nada via na terra sinão através o prisma conjugal; que só na sua companhia desfrutava delícias; que se considerava em exílio quando, por horas se apartavam; era a própria que, apenas a Pátria tocava a rebate, lhe vestia o arnez e lhe enfiava ao braço o escudo, dizendo tambem! Vai, e volta com ele ou sobre ele". Belo exemplo de mulher brasileira! Coração digno de um herói.

Quanto aos sentimentos religiosos do nobre duque, ouçamos o que deles disse ainda o reverendo Pinto de Campos, que é, sem dúvida, um dos seus mais autorizados biógrafos: "Sincero em suas crenças religiosas, tem inalteravelmente procedido como quem está convencido de que todas as suas fortunas, como as suas provações correspondem a um incontrastável designio da Providência; e não desdenha manifestar seu respeito à religião, à moral, ao culto dos seus avós.

Os seus sentimentos religiosos sem ostentação manifestam-se constantemente. E' sabido que mesmo nos acampamentos e em marcha, nunca discurrou dos deveres do culto em cuja assiduidade dava o mais salutar dos exemplos".

Debalde procuraram obumbrar-lhe a gloriosa memória, os velos maldosos dos indignos e descrentes. Esses pobres veus, sempre rotos, sempre inúteis, jamais realizaram seu miserável objetivo. Pobres peineiras erguidas contra um Sol glorioso.

Bem sabemos, senhores, que todos somos condenados a maiores ou menores imperfeições, decorrentes da própria natureza humana, imperfeições de que, nem os santos nem os sábios se conseguem livrar.

Não se permite, porém, que aqueles que se propoem a analisar um vulto egrégio, detenham-se ante pequeninos senões, que, após serem ampliados com a lente da maledicência, vão ter ao conhecimento do público.

Caxias pertence ao Santuário da Pátria. Lá chegou, conduzido pelo seu valor de soldado e cidadão perfeito. Lá ficará até à consumação dos tempos.

Considero sacrilegas todas as produções que insinuarem algo contra a sua sagrada memória.

Quem não se sentir suficientemente preparado para levar-lhe o ín-
enso da admiração, que ao menos se mantenha em silêncio respeitoso!
Iais quem se sente impuro, incapaz de penetrar no Santuário da Pátria,
não tiver a coragem suficiente para se purificar, que se detenha ao
argo, sem se aproximar do templo. Que encha a sua literatura vasia,
e figuras de barro, mil vezes mais fáceis de saciar-lhes a sede de in-
onoclasta.

Quem ousa erguer, embora camouflada com frases soantes e justi-
ficativas inúteis, argumentos chistosos ou falsos, sempre maldosos, con-
tra o herói a quem a Pátria, de joelhos, rende culto, das duas uma, se-
nhores: ou é louco, ou pertence à triste classe dos "originais" sem ta-
ento dos nossos tempos, que vivem a buscar originalidades extravagantes,
para exibir no comércio dos livros. Os seus golpes demolidores,
longe estão, porém, de atingir o sagrado alvo. Pigmeus, em luta com
igante, por mais que ergam os braços, só conseguem atingir o 1.º de-
rau do monumento de adoração e respeito em que se ergue no cora-
ção da Pátria o grande herói. E o linguajar desses pobres batráquios
humanos, sempre atormentados pelo "foi não foi" estéril da dúvida, é e
verá sempre abafado pelo coro orefônico dos brasileiros dignos, a en-
car, com a alma de joelhos, um "Benedicite" eterno àquele a quem de-
emos a integridade da Pátria, e que lá das regiões eternas em que se
encontra continua a velar pela felicidade do Brasil.

Bendito sejas, no Brasil inteiro,
Herói cristão. Bem alto eu te bendigo !
Da vitória sabias o roteiro,
E levavas a paz sempre contigo !

Para a frente, marchando sobranceiro,
Pela Pátria esquecias o perigo,
E, após, diplomata verdadeiro,
Do inimigo, fazias novo amigo !

Puro de ações, de sentimentos, puro,
Nunca vencido, ó Duque da vitória,
Preparaste, ao Brasil, claro futuro !

Soldado símbolo. Exemplo de civismo.
Tua espada escreveu, em nossa história,
Os mais belos capítulos de heroísmo !

(Soneto de Nisia Nobrega Leal)

transporte, numerosos grupos de adeptos, notadamente norte-americanos, que se tornaram os maiores turistas do mundo.

As estimativas do tráfego aéreo para o começo do após guerra dão cerca de 600 passageiros por dia, para viajar sobre o Atlântico, entre os Estados Unidos e a Europa, isto é, 300 passageiros em cada sentido. Para transportar essa lotação em aparelhos com capacidade para 57 pessoas, mas contendo em média dois terços deste número, serão necessárias oito viagens diárias de ida e outras tantas de volta. Não seriam vôos diretos, que se tornam exageradamente dispendiosos a partir de 2.000 quilômetros. Aviões maiores poderiam fazer vôos sem escalas, mas a freqüência de viagens seria menor e é voz geral que o público prefere aquela condição à alternativa das grandes velocidades. Além disto, os aparelhos ultravelozes são de mais alto preço. Cálculo minucioso levou a Pan American a fixar para a passagem de ida e volta, entre New York e Londres, o preço de \$ 186,30, a entrar em vigor algum tempo após a terminação da guerra.

Uma cousa é indiscutível: haveria toda a espécie de aeroplanos em uso — uns construídos para alta velocidade, alguns para grande altitude, outros com objetivos econômicos, muitos para transporte de carga e diversos destinados a luxuosas viagens de super-primeira classe.

No que se refere aos aviões de carga, é oportuno registrar que não há nos Estados Unidos aparelho algum construído com aquele destino. Todos os aviões de carga atuais são aparelhos militares ou de passageiros transformados. A princípio, sómente as mercadorias de alto valor, que justifiquem o prêmio correspondente à rápida entrega, serão despachadas via aérea, e as estimativas mais otimistas do custo por tonelada ainda deixam às mesmas larga margem de economia, exceto, talvez, quando se trata de artigo compacto e fortemente taxado. Mas, todas as hipóteses referentes ao transporte aéreo de carga estão sendo estabelecidas sem o conhecimento exato, a ser obtido pela experiência, das promissoras vantagens apresentadas pelos trens de planadores. Se bem que o ATC tenha transportado grande volume de carga em altas velocidades, fê-lo sem preocupação de reduzir despesas, exemplo que as companhias de transporte aéreo não podem imitar.

QUEM CONSTRUÍRA OS APARELHOS?

Antes da guerra, existiam 434 aviões de transporte ao serviço das linhas norte-americanas. Presentemente, a indústria dos Estados Unidos poderia produzir igual número de aparelhos em uma ou duas semanas. Depois de guerra, cerca de 3.000 aviões pesados serão necessários para o tráfego aéreo comercial do mundo inteiro, representando o seu fornecimento o trabalho apenas de 5% das fábricas existentes. Além disso,

grande quantidade de aparelhos remanescentes da guerra achar-se-ão disponíveis, e as nações não mais estarão despendendo fabulosos milhões em bombardeiros e caças.

Ao considerar êstes fatos, os construtores de aviões dos Estados Unidos mostram-se apreensivos e desanimados. É que a indústria que exploram representa um empreendimento da ordem de vinte milhões de dólares, deixando em nível muito inferior a de automóveis, que cresceu até três bilhões e setecentos milhões, um ano antes de guerra. Inúmeras serão as dificuldades a vencer na administração dos seus dois milhões de operários, do seu volumoso acervo e de suas imensas fábricas recém-montadas. Mas, tais dificuldades estão intimamente ligadas aos problemas da transmutação que se seguir imediatamente à guerra. A única causa que interessa realmente ao poderio aéreo dos Estados Unidos é a que envolve a possibilidade de conservar a indústria de construção de aeroplanos em condições de vitalidade, prosperidade e crescimento, não obtante a procura grandemente reduzida de aparelhos.

Muitos aviões do Governo podem ser vendidos às linhas aéreas que necessitarem desde logo novos equipamentos. Muitos serão transferidos ou vendidos a países estrangeiros, ou, com êstes, objeto de barganha. Muitos continuarão a serviço dos militares. Mas, grande quantidade ainda sobrará abarrotando o mercado, em constante ameaça aos fabricantes de aparelhos, devendo até surgir a tendência de se transformarem bombardeiros em aviões de transporte, apesar de não ser econômica a providência. Além de tudo, um aeroplano nunca se gasta completamente: as asas, a fuselagem e a hélice duram quase indefinitivamente; os motores podem ser reformados ou substituídos.

Depois da última guerra, havia tantos motores Liberty à venda por baixo preço que foi difícil ao Exército conseguir recursos do Congresso para adquirir motores aperfeiçoados e mais eficientes. Durante anos, a própria indústria de aviões ficou marcando passo. Para que isto não se reproduza, seria de toda a conveniência que, depois da atual guerra, os aparelhos militares ficassesem imobilizados, prontos para alguma emergência, mas afastados de quaisquer cogitações mercantis.

Nem todas as fábricas do Governo, especialmente construídas para a guerra, poderão continuar em funcionamento. Mas é preciso conservar a capacidade de produção exigida pelos imperativos da defesa nacional e, com muito maior relevância, assegurar a continuidade dos conhecimentos técnicos, tanto de gabinete como de bancada.

A técnica receberá possivelmente o bafejo da expansão da aviação civil. Ainda não foi encontrado o aparelho realmente satisfatório para o uso particular — o que desenvolvesse 250 km por hora, tivesse um alcance de 300 km, transportasse quatro passageiros, permitisse dobrar

as asas de modo a ser conduzido pelas estradas, entre a casa e o aeroporto — e fosse vendável por menos de 3.000 dólares. Os helicópteros ainda não pousarão nos quintais imediatamente após a terminação da guerra; serão provavelmente utilizados, a princípio, mais como ônibus aéreos do que como autos particulares aéreos. O aumento do número de pilotos, do de aeroportos e da eficiência dos motores e combustíveis será um incentivo para a rápida generalização do emprego dos aparelhos leves.

CABERA AOS NORTE-AMERICANOS O DOMÍNIO DOS ARES?

Mais do que a qualquer outra nação, a guerra deu o domínio dos ares aos Estados Unidos. As centenas de milhares de norte-americanos que aprenderam navegação aérea, a multidão de aviadores para os quais uma viagem de ida e volta à India é acontecimento tão natural

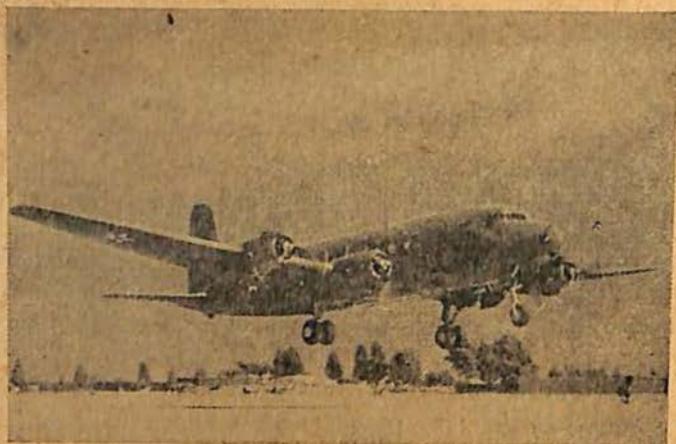


Fig. 6 — O Douglas C-54 é um aparelho que inspira confiança, maior do que duas vezes o conhecido DC-13, desenvolve uma velocidade de 320 quilômetros por hora, transporta 40 passageiros e tem uma autonomia de voo de 2.400 quilômetros.

como uma excursão de fim de semana e que contemplaram do alto oceanos e continentes em desfile, sentindo a terra diminuir de tamanho — nenhum deles há de querer abrir mão desse patrimônio aéreo, com grande sacrifício conquistado. E' que tal patrimônio encerra entusiasmo e glória, oferece perspectivas de abastança e proporciona vasto campo para novos êxitos. Parece até, as vezes, que, nos ares, não há lugar para mais ninguém, a não ser para os norte-americanos.

Mas os Estados Unidos, conquanto se tenham tornado a maior po-

tência aérea do mundo, não possuem a preempção do elemento gasoso. Não lhes é possível serem os senhores de todos os aviões, das bases e do comércio, nem podem esperar ter permissão para sobrevoar terras alheias, sem que outros possam, também, sobrevoar as suas. Até o momento presente, todas as negociações estão calcadas na preferência generalizada pelo céu aberto, mas fortemente entravadas pelo apêgo à noção do céu fechado. Já é tempo de admitir abertamente que só uma política semelhante a do céu aberto é a que mais convém a todos, como a única capaz de desenvolver o intercâmbio aéreo internacional.

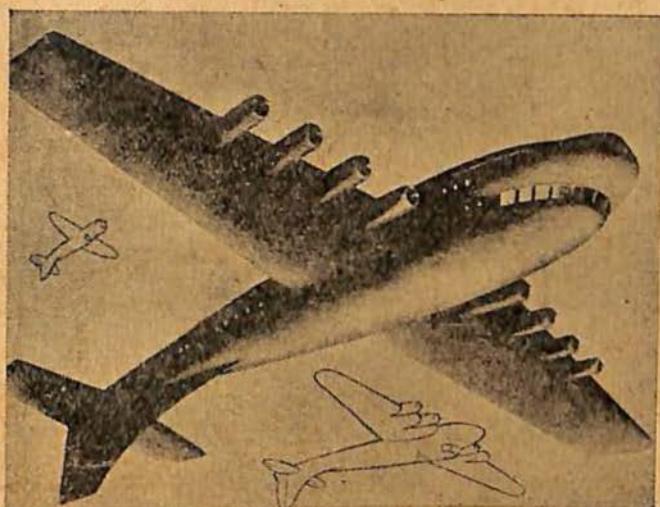


Fig. 7 — A BARCA VOADORA de Henry Kaiser, comparada com um Bombardeiro e um avião de combate — já está sendo construída, devendo aparecer em 1945.

Os ríspidos senadores que regressaram recentemente de uma excursão mundial, deplorando que os Estados Unidos nada fizessem para conservar a propriedade ou o controle das bases que haviam construído por toda parte, estão ao mesmo tempo com a razão e sem ela. Com a razão, porque não encontraram, claramente definida, uma política de garantia para aquelas bases. Sem razão, por pensarem que a construção das mesmas devesse dar aos Estados Unidos o direito de usá-las para todo o sempre. Ficamos, sim, moralmente autorizados a utilizá-las dentro de certos limites. Mas o direito de comerciar por intermédio delas, ou de incluí-las, como elas, em uma cadeia de contorno mundial constituída de aeroportos, é um direito que resultará de acordos recíprocos mais amplos.

Muito cômodo e seguro é pisar com firmeza o solo e emitir conceitos arrojados sobre o domínio dos ares no após guerra. Os entendidos no assunto podem estar de acordo no que se refere aos tipos de aviões, ao número provável de passageiros e às características, tomadas em comparação, dos outros meios de transporte. Para o período inicial, isto parece suficiente. Mas o mundo precisa conceber quão pequena ainda foi nesta guerra a demonstração do terrível efeito de que é capaz o período aéreo, quando pequenos e ridículos nossos atuais aparelhos parecerão aos olhos da história, ao serem comparados com os que virão a dominar no futuro a navegação aérea. Contudo, é animadora a situação



Fig. 8 — A ASA VOADORA — Planejada para quando houver necessidade de aparelhos cinco vezes maiores que os atuais clippers — O modelo, em miniatura, já foi submetido a experiência de vôo.

presente, em que grande se mostra a afluência de candidatos à carreira aeronáutica, cuja importância parece estar, por isso, no consenso geral. Poderão eles forçar os dirigentes das nações a cuidarem do problema com tenacidade, ou, pelo menos, induzir os líderes norte-americanos a formularem uma política concreta, antes de a magna questão se diluir em um debate estéril de palavras convencionais ou num programa de meros paliativos.

OS TIPOS DE APARELHOS

Provavelmente, os aparelhos que voarem através da estratosfera dos céus do futuro serão verdadeiros gigantes aeronáuticos, sem fuselagem, só com asas, acionados por propulsão pirotécnica (foguetes), ao invés de hélices. Mas, imediatamente, após a guerra, ainda domi-

narão os ares os aparelhos que hoje conhecemos, com motores e asas nos lugares habituais e guardando proporções que nos parecem as mais adequadas.

O avião que desde já parece estar destinado a se tornar o transporte preferido no imediato após guerra é o Douglas C-54 (fig. 6), modificação aperfeiçoada do DC-4. Nenhum outro aparelho de grande porte, completamente experimentado, atualmente em fabricação, pode com êxito competir. Douglas possui uma fábrica exclusivamente para sua produção. Depois da guerra, o C-54 encontrar-se-á muito à frente dos seus congêneres, no campo das realizações aviátorias.

Apenas um outro avião de transporte, experimentado e em fabricação, existe atualmente: é o Curtiss-Wright C-46, bi-motor e menor do que o C-54, possuindo menor velocidade e autonomia de vôo. Acha-se em experiências o Lockheed Constellation, ultra-rápido, próprio para grandes altitudes, parecendo o mais naturalmente indicado para os longos vôos diretos.

As mudanças verdadeiramente revolucionárias operadas no equipamento aéreo nada têm a ver com o tamanho ou a forma dos aviões, mas com dois dispositivos destinados a sobrepujar o seu maior inimigo: o mau tempo. Um deles evitará a formação de gelo nas asas e na cauda, fazendo circular os gases aquecidos da descarga do motor pelo interior daquelas partes do aparelho. Outro é o *radar*. Com tais aperfeiçoamentos na técnica, os aviões poderão voar em todas as estações e enfrentar as intempéries. Apenas continuarão a existir inconvenientes meteóricos de menor extensão: tempestades violentas, rajadas repentinas de vento forte, etc.

APARELHOS COM QUE SE SONHAM

Toda empresa de aviões de grande porte projeta possuir outros ainda maiores e mais rápidos. A grandiosidade desses projetos e o grau de possibilidade de execução constituem segredos militares, mas pode-se afirmar que deixarão em situação ridícula os atuais Douglas C-54 e Lockheed Constellation. Henry Kaiser está construindo uma *barca voadora*, de 180 toneladas (fig. 7). A *asa voadora* (fig. 8), para futuro ainda remoto, poderá tornar-se um avião comercial muito útil quando houver necessidade de aparelhos cujo peso oscile pela ordem de 200 toneladas.

Os Militares e os Bancos

Nenhuma classe tem tanta necessidade de recorrer aos serviços bancários como a militar. As obrigações de serviço creando-lhes uma instabilidade constante, as necessidades de estagiar em guarnições diversas e distantes, as viagens de estudo e inspeção, as fainas exercidas pelo Brasil além, demarcando, abrindo caminhos, articulando seguramente o território da Pátria, obrigam o soldado a recorrer constantemente ao banco que é o seu correspondente, o seu procurador, o instrumento que atende às necessidades da família frequentemente ausente ou a defesa de pequenos interesses particulares abandonados. De quando em quando, é sempre possível fazer uma economia que um dia servirão aos filhos. Esta situação determinou a criação desta seção que aparecerá, a partir de agora, em todos os números desta revista, feita para os militares do Brasil.
